

Análise dos fatores de risco associados a mortalidade por sepse no estado de Mato Grosso entre 2018 e 2022

Diandra Brauwiers Konrad¹, Geovanna Bruna Herane Schauern², Manoella Almeida de Amorim³,
Tiago Rodrigues Viana⁴, Jonathan dos Santos Feroldi e Souza⁵

1. Residente de Clínica Médica do Hospital de Câncer de Mato Grosso
2. Residente de Clínica Médica do Centro Universitário de Várzea Grande
3. Residente de Medicina Intensiva do Hospital de Câncer de Mato Grosso

4. Infectologista do Hospital de Câncer de Mato Grosso
5. Nefrologista do Hospital de Câncer de Mato Grosso

Introdução/Fundamentos

A sepse representa importante causa de óbito no mundo. Apesar de ser prevenível e tratável, houve aumento do número de casos nos últimos anos. Assim, reconhecer os fatores de risco associados ao óbito são importantes para reduzir sua mortalidade.

Objetivos

Identificar os fatores de risco associados ao óbito por sepse no estado de Mato Grosso (MT).

Métodos

Estudo epidemiológico transversal com dados do Sistema de Internação Hospitalar sobre sepse no MT entre o ano de 2018 a 2022 utilizando o CID-10 A40 e A41 em indivíduos com 20 anos ou mais. Utilizado o software Epi Info 7.2.2.6, calculando o p-valor pelo teste qui-quadrado, utilizando o método de Mantel-Haenszel.

Resultados

Avaliados 7.865 pacientes com diagnóstico de sepse no período analisado. Destes, 3884 evoluíram à óbito. A maior prevalência de mortalidade foi no sexo masculino (55%) e em pacientes com idade maior ou igual a 60 anos (67,8%). As variáveis que demonstraram associação ao óbito por sepse foram: sexo feminino (RR 1,08, IC 95%), idade maior ou igual a 60 anos (RR 1,5, IC 95%), permanência internado de 10 dias ou menos (RR 1,64, IC 95%), uso de unidade de terapia intensiva (UTI) (RR 1,4, IC 95%) e gasto na UTI maior ou igual a R\$5.000,00 (RR 1,08, IC 95%). Outrossim, indivíduos do sexo masculino e com idade menor que 60 anos apresentaram risco de óbito 8% e 34% menor respectivamente (RR 0,92 e RR 0,66, IC 95%) em detrimento aos do sexo feminino e idosos. Da mesma forma, evidenciou-se o não uso de UTI como fator de proteção (RR 0,69, IC 95%), demonstrando o impacto do atendimento inicial realizado na sala de emergência, bem como maior risco de infecções nosocomiais no ambiente de terapia intensiva. Os efeitos do atendimento correto à sepse estendem-se também na economia de recursos, visto que o gasto no ambiente de terapia intensiva menor que R\$5.000,00 foi associado a menor risco de morte (RR 0,92 =, IC 95%).

Variáveis	Categorias	n (%)	Óbito		RR (IC95%)	p-valor
			Sim	Não		
Sexo	Masculino	4500 (57,2)	2145 (47,6)	2355 (52,3)	0,92	<0,05
	Feminino	3365 (42,7)	1739 (51,6)	1626 (48,3)	1,08	<0,05
Idade	<60 anos	3277 (41,6)	1249 (38,1)	2028 (61,8)	0,66	<0,05
	≥60 anos	4588 (58,3)	2635 (57,4)	1953 (42,5)	1,50	<0,05
Dias de Permanência	>10 dias	3416 (43,4)	1235 (36,1)	2181 (63,8)	0,60	<0,05
	≤ 10 dias	4449 (56,5)	2649 (59,5)	1800 (40,4)	1,64	<0,05
UTI	Sim	2878 (36,5)	1760 (61,1)	1118 (38,8)	1,43	<0,05
	Não	4987 (42,5)	2124 (42,5)	2863 (57,4)	0,69	<0,05
Valor UTI	<R\$5.000	6560 (83,4)	3194 (48,6)	3366 (51,3)	0,92	<0,05
	≥R\$5.000	1305 (16,5)	690 (52,8)	615 (47,1)	1,08	<0,05

Tabela 1. Perfil epidemiológico e fatores associados a mortalidade por sepse em Mato Grosso entre 2018 e 2022.

Conclusões/Considerações Finais

Observou-se as consequências do atendimento precoce ao paciente com sepse em diminuir a mortalidade e, em contrapartida, do impacto da exposição a infecções nosocomiais e do uso indiscriminado de antibióticos, evidenciado indiretamente neste estudo pela menor associação ao óbito em pacientes que não utilizaram cuidados intensivos. Dessa forma, ressalta-se a importância dos protocolos de profilaxia para infecções, uso racional de antibióticos e, sobretudo, do tratamento precoce.

Referências Bibliográficas

1. LANÇONI, A. de M.; OLIVEIRA FILHO, L. F. de; OLIVEIRA, M. L. C. de. Sepsis in Intensive Care Units. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 11, n. 6, p.e21511629035, 2022.
2. EVANS, L.; RHODES, A.; ALHAZZANI, W. et al. Campanha Sobrevivendo à Sepse: Diretrizes Internacionais para o Manejo da Sepse e Choque Séptico. **Intensive Care Med**. V. 47, n. 6, p. 1181-1247, 2021.
3. MORELLO, L.G.; DALLA-COSTA, L.M.; FONTANA, R.M. et al. Avaliação das características clínicas e epidemiológicas de pacientes com e sem sepse nas unidades de terapia intensiva de um hospital terciário. **Einstein**. V. 17, n. 2, 2019.

E-mail: diandrakonrad@hotmail.com.br